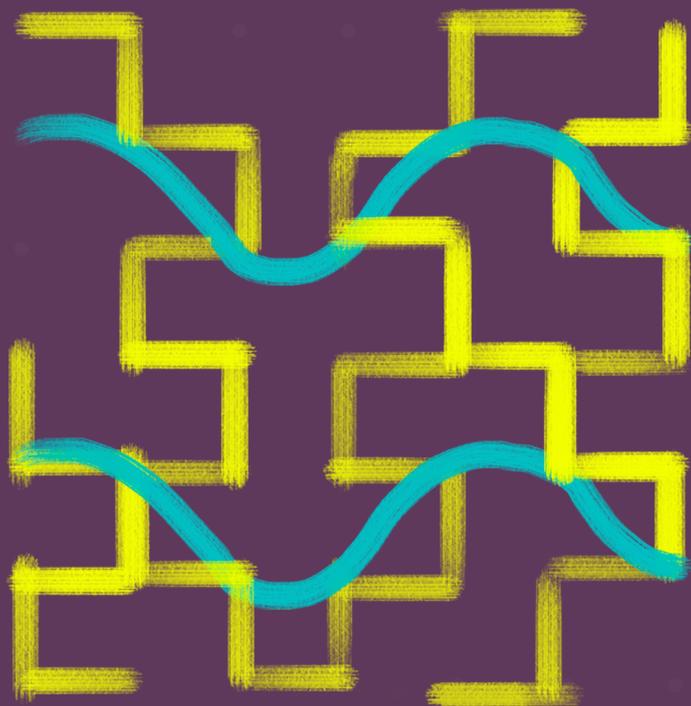


---

# Literatura comparada

ciências humanas,  
cultura,  
tecnologia





**Literatura comparada:  
ciências humanas, cultura, tecnologia**

# ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA

## **Gestão 2020-2021**

### **Presidente**

Gerson Roberto Neumann — UFRGS

### **Vice-Presidente**

Andrei Cunha — UFRGS

### **Primeira Secretária**

Cinara Ferreira — UFRGS

### **Segundo Secretário**

Carlos Leonardo Bonturim Antunes — UFRGS

### **Primeiro Tesoureiro**

Adauto Locatelli Taufer — UFRGS

### **Segunda Tesoureira**

Rejane Pivetta de Oliveira — UFRGS

### **Conselho Deliberativo**

#### **Membros efetivos**

Betina Rodrigues da Cunha — UFU

João Cezar de Castro Rocha — UERJ

Maria Elizabeth Mello — UFF

Maria de Fátima do Nascimento — UFPA

Rachel Esteves de Lima — UFBA

Regina Zilberman — UFRGS

Rogério da Silva Lima — UNB

Socorro Pacífico Barbosa — UFPB

#### **Membros suplentes**

Cassia Maria Bezerra do Nascimento — UFAM

Helano Jader Ribeiro — UFPB

# **Literatura comparada: ciências humanas, cultura, tecnologia**

**Todos os direitos desta edição reservados.**

Copyright © 2021 da organização:  
Gerson Roberto Neumann, Cíntea Richter e Marianna Ilgenfritz Daudt.  
Copyright © 2021 dos capítulos:  
suas autoras e autores.

**Coordenação editorial**

Roberto Schmitt-Prym

**Conselho editorial**

Betina Rodrigues da Cunha — UFU  
João Cezar de Castro Rocha — UERJ  
Maria Elizabeth Mello — UFF  
Maria de Fátima do Nascimento — UFPA  
Rachel Esteves de Lima — UFBA  
Regina Zilberman — UFRGS  
Rogério da Silva Lima — UNB  
Socorro Pacífico Barbosa — UFPB  
Cassia Maria B. do Nascimento — UFAM  
Helano Jader Ribeiro — UFPB

**BESTIÁRIO**



Rua Marquês do Pombal, 788/204  
CEP 90540-000  
Porto Alegre, RS, Brasil  
Fones: (51) 3779.5784 / 99491.3223  
[www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

L776	Literatura comparada, ciências humanas, cultura, tecnologia [recurso eletrônico] / organizado por Gerson Roberto Neumann, Cíntea Richter, Marianna Ilgenfritz Daudt. - Porto Alegre : Class, 2021. 572 p. ; PDF ; 3,6 MB.  Inclui bibliografia e índice ISBN: 978-65-88865-84-2 (Ebook)  1. Literatura brasileira. 2. Ensaio. I. Neumann, Gerson Roberto. II. Richter, Cíntea. III. Daudt, Marianna Ilgenfritz IV. Título.  CDD: 869.94 CDU: 82-4(81)
2021-3516	

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Ensaio 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaio 82-4(81)

**Projeto gráfico**

Mário Vinícius

**Capa**

Mário Vinícius  
Larissa Rezende (estagiária)

**Diagramação**

Mário Vinícius

**Equipe de revisão**

Marcos Lampert Varnieri  
Luísa Rizzatti  
Bruna Dorneles

**Como citar este livro (ABNT)**

NEUMANN, Gerson Roberto; RICHTER, Cíntea; DAUDT, Marianna Ilgenfritz. *Literatura comparada: ciências humanas, cultura, tecnologia*. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2021.



O presente trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES), do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Os organizadores deste volume não se responsabilizam pelo conteúdo dos artigos ou por suas consequências legais. Os textos que compõem este volume são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a linha programática ou ideológica da Editora Bestiário ou da Associação Brasileira de Literatura Comparada. A Associação e a Editora se abstêm de responsabilidade civil ou penal em caso de plágio ou de violação de direitos intelectuais decorrentes dos textos publicados, recaindo sobre os autores que infringirem tais regras o dever de arcar com as sanções previstas em leis ou estatutos.

## Paisagem entre Literatura e Filosofia

Maria Luiza Berwanger da Silva<sup>1</sup>

Poeta dos trópicos,  
dá-me no teu copo de vidro colorido, um gole d'água.  
(Como é linda a paisagem no cristal de um copo d'água!)

(CARVALHO, s.d., p. 230),

dizem esses versos de Ronald de Carvalho, representando exemplarmente a Paisagem Poética Brasileira, aquém e além de subjetividades, geografias, culturas e campos disciplinares.

Transparência do vidro que concede a perspectiva da visualidade infinita e fluidez da água que desloca a territórios novos fazem-se mediadores de inusitadas cartografias, enquanto efeito poético que traduz, a seu modo, a eficácia dessa Paisagem mesclada e transgressiva para a Literatura Comparada, vista pelo ângulo de Diálogos Transdisciplinares.

Sob essa perspectiva, um diálogo pode ser estabelecido entre o crítico literário Michel Collot e o filósofo François Jullien que reordena os estudos sobre a Paisagem, nela demarcando seu espírito nômade, transdisciplinar e mundializado.

Se nomear esse diálogo, emergente da intersecção Literatura e Filosofia, possibilita verificar zonas de prováveis aproximações e distanciamentos, redesenhados pelo entrelaçamento de campos díspares, percebe-se que nele (nesse diálogo) um lugar de passagem conforma-se, respaldando a consciência do provisório como busca incessante da plenitude paisagística, mediada por diferentes modos e formas de percepção já antecipados pelo olhar estrangeiro de Claude Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos*, quando diz:

1. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Doutora pela Université Sorbonne Nouvelle – Paris-III; Pesquisadora convidada do CREPAL (Centre d'Études Brésiliennes et Portugaises – Sorbonne Nouvelle – Paris-III e da Maison des Sciences de l'Homme (Chaire d'Altérité, coordenada pelo filósofo François Jullien, sendo uma das tradutoras de sua obra no Brasil.

Toda paisagem apresenta-se de início como uma imensa desordem que nos deixa livres para escolhermos o sentido que preferimos lhe atribuir. Porém, mais além das especulações agrícolas, dos acidentes geográficos, das transformações da história e da pré-história, o sentido, augusto entre todos, não é o que precede, comanda e, em grande escala, explica os outros? Essa linha tênue e confusa, essa diferença quase sempre imperceptível na forma, e a consistência dos detritos rochosos testemunham que, ali onde hoje vejo um terreno árido, dois oceanos outrora se sucederam. Seguindo passo a passo as provas de sua estagnação milenar e vencendo todos os obstáculos – paredes abruptas, desabamentos, matagais, plantações –, indiferentes às trilhas como às barreiras, parecemos agir em sentido contrário. Ora, essa insubordinação tem como único objetivo recuperar um sentido primeiro, obscuro sem dúvida, mas do qual cada um dos outros é a transposição parcial ou deformada. (LÉVI-STRAUSS, 2017, p. 60)

A esta voz, que diz em *Tristes Trópicos*, a sedução do espaço visto, aproxima-se a do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade mediada pela palavra poética que expressa a insubmissão do Sujeito ao curso da experiência paisagística a efetuar, nomeada no poema *Paisagem como se faz*: “Esta paisagem? Não existe. Existe espaço vacante, a semear de paisagem retrospectiva”. “[...] o ver não vê; o ver recolhe fibrilhas de caminhos, de horizonte, e nem percebe que as recolhe para um dia tecer tapeçarias ... de impercebida terra visitada. A paisagem vai ser [...]” (2007, p. 731). Se, de um lado, percebe-se a convergência do antropólogo com o poeta quanto à figura da Paisagem como construção que retraza a cartografia do visto, do sentido e do vivenciado, de outro lado, nota-se a divergência dos modos e formas articulados pelo Sujeito no exercício perceptivo. Projetar sobre o espaço exterior a subjetividade, a mais profunda, conduzindo-lhe o traçado do desenho, como no fragmento de *Tristes Trópicos*, ou se deixar por ele (pelo espaço) conduzir o Sujeito sendo surpreendido por certa visualização interior, impensada e inimaginável, como no poema de Carlos Drummond de Andrade?

Desse modo duplo de perceber a Paisagem depreende-se certo paralelismo que reproduz a própria singularidade do diálogo a ser tecido entre o crítico literário Michel Collot e o filósofo François Jullien, como se, justamente, a plenitude paisagística afluísse com maior produtividade de campos díspares dispostos em posição de entrelaçamento. Nela, frestas, cantos, ângulos obtusos despontam

deixando entrever certa paisagem intervalar em constante desdobramento e assim configurando a percepção do enigmático e do não figurável como eixo que constitui a dinâmica da reflexão do crítico e do filósofo sobre a teoria da Paisagem; distanciam-se, contudo, os dois estudiosos pela percepção da vivência paisagística experienciada, quando para Michel Collot e François Jullien, dialogar significa produzir ressonâncias entrecruzadas. Dito de outro modo: tecem um jogo singular de pensamentos nos quais a voz de um e de outro encontram-se em um ponto neutro, quando dizer “neutro”, corresponde a acomodar pertencas de natureza artística e não artística, sob forma de suave convívio. Desdobra-se assim e se completa textualmente o sentimento paisagístico de Claude Lévi-Strauss, em outro fragmento pela estampa do Novo Mundo:

para o navegador que se aproxima, o Novo Mundo impõe-se, primeiramente, como um perfume, bem diferente daquele sugerido desde Paris por uma assonância verbal, e difícil de descrever para quem não o aspirou. [...] Só compreenderão os que meteram o nariz no miolo de uma pimenta exótica recém debulhada, depois de terem cheirado, em algum ‘botequim’ do ‘sertão brasileiro’ a trança melosa e preta do ‘fumo de rolo’, folhas de tabaco fermentadas [...]; e que na união desses odores primos irmãos reencontram uma América que foi, por milênios, a única a possuir-lhes o segredo (LÉVI-STRAUSS, 2017, p. 83),

como se decifrar esse “segredo” significasse igualmente decifrar a postura do Sujeito diante da experiência realizada e que incide na autoelucidação da própria subjetividade.

Desdobra-se assim igualmente o sentimento paisagístico de Carlos Drummond de Andrade no poema intitulado “A voz”, em que o silêncio se faz eficaz mediador de “transformações” (silenciosas) insinuadas pela voz poética,

Uma canção cantava-se a si mesma  
na rua sem foliões. Vinha do rádio?  
Seu carnaval abstrato, flor de vento,  
era provocação e nostalgia.  
Tudo que já brincou brincava trêmulo,  
no vazio da tarde. E outros brinquedos,  
futuros, se brincavam, lecionando  
uma lição de festa sem motivo,

à terra imotivada. E o longo esforço,  
 pesquisa de sinal, busca entre sombras,  
 marinhagem na rota do divino,  
 cede lugar ao que, na voz errante,  
 procura introduzir em nossa vida  
 certa canção cantada por si mesma.

(DRUMMOND DE ANDRADE, 2006, p. 681)

um e outro textos aflorando de saberes distintos, e traduzindo faces do Sujeito em que ora é ator, como em Claude Lévi-Strauss, na esteira de Michel Collot, ora é receptor, como nos poemas citados de Carlos Drummond de Andrade, representando, a seu modo, o percurso trilhado por François Jullien.

Legitimam essa perspectiva do diálogo tecido entre o crítico e o filósofo a figura do “arquiteto” em Collot, em perfeito paralelismo com a do “perscrutador” em François Jullien, figuras que respaldam a caracterização da Paisagem como confluência eficaz de vivências pertencentes a múltiplos territórios subjetivos, geográficos, simbólicos, não simbólicos e disciplinares. Aproxima-os a certeza da intersecção que lhes confere sustentabilidade em suas diferenças; como se mantê-las viabilizasse, paradoxalmente, o contínuo desdobrar dos campos aproximados, fixando nesse desdobrar o prazer do inusitado: espacialidades e temporalidades, uma vez demarcadas em suas mobilidades, retraçam a cartografia paisagística, expandindo-a. Expandida e difratada, surpreende todo sujeito próximo, distante, nacional e transnacional. Portanto, configurar o sentimento paisagístico pela dupla mediação do “pensamento-paisagem” (“*pensée-paysage*”) em Michel Collot e do “viver de paisagem” (“*vivre de paysage*”) em François Jullien consiste em evidenciar certo jogo entre sujeito e objeto do qual as ressonâncias estampam a fertilidade da Paisagem como possibilidade da vida múltipla, tecida e retecida entre Mesmo e Outro.

Lê-se na obra *Pensée-Paysage*, de Michel Collot:

Se a paisagem é uma arte, ela não se limita à esfera das representações: ela começa *in situ*, ao nível da terra, com a cultura do solo dos vegetais. O paisagista é, ao mesmo tempo, artista, engenheiro e camponês: um artesão inspirado, um criador terra a terra. Homem de atelier e de terreno, assume, pouco a pouco, a concepção do projeto, sua realização e seu segmento. Ele reinventa à sua ma-

neira um dos sentidos da palavra *arte*, que não dissocia a técnica de uma visada estética. Mobiliza, assim, um pensamento que nunca esquece o concreto para produzir uma obra ao mesmo tempo sensível e inteligível, lisível e visível para o olho do corpo e para o do espírito – um pensamento-paisagem. (COLLOT, 2011, p. 192)<sup>2</sup>

Dois conjuntos de imagens constituem os eixos articuladores dessa síntese: o das referências à Paisagem considerada como pensamento e o da experiência paisagística vivenciada pelo Sujeito. Sujeito como “nem pura representação nem uma simples presença, mas um entrecruzamento dos dois” (“ni pure représentation ni une simple présence mais un entrecroisement entre les deux”) (COLLOT, 2011, p. 18), “que transgride a oposição do sujeito e do objeto, do individual e do universal” (“qui transgresse l’opposition du sujet et de l’objet, de l’individuel et de l’universel”) (COLLOT, 2011, p. 29), uma “migração indefinida em direção a um além que lhe é interior” (“migration indéfinie vers un ailleurs qui lui est intérieur”), soprado pela percepção de um limiar (um horizonte) em busca da decifração. A estas imagens definidoras da Paisagem como Pensamento-Paisagem, Michel Collot demarca um outro conjunto com que caracteriza a atividade do Sujeito: “a paisagem implica um sujeito que não reside mais nele próprio mas que se abre para o fora” (“le paysage implique un sujet qui ne reside plus en lui mais qui s’ouvre au dehors”) (COLLOT, 2011, p. 33), que impõe o espaçamento do sujeito e o diálogo com a Alteridade, facilitando a decifração do “fundo insondável da paisagem” (“fond insondable du paysage”) (COLLOT, 2011, p. 135). Articulada sob a égide da reflexão fenomenológica, a palavra teórico-crítica de Michel Collot diz, no mais das vezes, acidentes, fatos previsíveis e controláveis, dos quais o efeito produzido faz-se certeza da percepção lúcida e controlada pelo Sujeito.

2. Si le paysage est un art, il ne se limite pas à la sphère des représentations: il commence in situ, et à ras de terre, avec la culture du sol des végétaux. Le paysagiste est à la fois artiste, ingénieur et paysan: un artisan inspiré, un créateur terre à terre. Homme d’atelier et de terrain, il assume tour à tour la conception du projet, sa réalisation et son suivi. Il réinvente à sa manière l’un des sens du mot *art*, qui ne dissocie pas la technique d’une visée esthétique. Il mobilise ainsi une pensée qui n’oublie jamais le concret, pour produire une œuvre à la fois sensible et intelligible, lisible et visible pour l’œil du corps et celui de l’esprit – une pensée-paysage (COLLOT, 2011, p. 192).

“Nós nos cansamos de um lugar, de uma vista, talvez, ou de um espe tá culo, mas não de uma paisagem” (“On se lasse d’un lieu, d’une ‘vue’, peut-être ou d’un spectacle mais non d’un paysage”), diz François Jullien em *Vivre de Paysage ou L’Impensé de la Raison*, demarcando seu percurso teórico-crítico, essencialmente, pela correlação entre “perceptif” e “affectif”; o filósofo entende por “affectif” aquilo que afeta, que gera ressonâncias insuspeitáveis e inimagináveis na intimidade do Sujeito, ao longo de sua atividade perceptiva, enquanto lugar primordial de certo tecer que amplia a experiência paisagística efetivada. Desdobrar e ativar a energia vital do Sujeito, eis, em síntese, a configuração de Paisagem por François Jullien, traduzida pela imagem do “vivre”. Para tanto, parte da definição do “perceptif”, considerando-o como aquele elemento que permite configurar uma interioridade esperada, e como aquele que dá a descobrir uma interioridade inesperada e desconhecida, designada pelo filósofo como “fundo permanecido mudo” (“fond resté muet”) (JULLIEN, 2014, p. 95). Revela o íntimo, nomeando fatos ocasionais, incidentes e imprevisíveis, provocando no Sujeito certo estado de vibrações sem causa evidente, perspectiva que aproxima o “perceptif” do “affectif” vista como capacidade multiplicadora do prazer que não emerge de um canto ou de um lugar eleitos aprioristicamente, mas que surge de modo inesperado, brindando o sujeito com certa intimidade redescoberta, em processo de contínuo refazer; como se o “vivre de paysage” encontrasse sua tradução mais exemplar na imagem de certo caleidoscópio que, em seu girar incessante, agrega mundos, sujeitos, alteridades e sentimentos insuspeitáveis ao arquivo da memória. De onde o caráter da experiência desdobrada e inesgotável em que o “perceptif-affectif” não se origina do passional, mas do contato com o Outro e a Diferença. Desse modo, forma-se um “campo de atração” entre o Sujeito e o Mundo, como o especifica François Jullien: “menos um som indistinto do que um tocar em diapasão” (“moins un son indistinct qu’une mise en diapason”) (JULLIEN, 2014, p. 94). (Leia-se, sob o simbolismo do “diapasão”, a multiplicidade de vivências mescladas, quando dizer mesclada remete ao efeito do inusitado e à surpresa de combinações insuspeitáveis traduzidas, no caso, pela variabilidade de sons e dissonâncias.)

Considerado desse modo, o “vivre” constitui um “moi-monde” que encontra no trabalho de “dessubjetivação” (“désubjectivation”) sua articulação mais exemplar; compreende-se esse processo de

“désubjectivation” como impossibilidade do Sujeito de controlar a percepção paisagística, uma vez substituída a soberania do Eu, que domina o processo perceptivo em Michel Collot pelo deixar-se dominar pela Paisagem, incidindo na correlação de elementos aparentemente inconciliáveis, mas que, justamente por suas diferenças, retrabalham a subjetividade do Sujeito. Postos em intersecção, compõem uma paisagem nova entre dois polos: os do “eu” e os do “mundo”. A imagem do “vivre” desponta, pois, da dinâmica reflexiva de François Jullien como eixo que, ao articular, aproximando, Sujeito e mundo, brinda-nos com o prazer revitalizado de experiências inusitadas.

Estudioso da cultura chinesa como polo de comparação entre Oriente e Ocidente, François Jullien embasa seu pensamento teórico-crítico nessa busca de evidências do inusitado, sobretudo em *As Transformações Silenciosas*<sup>3</sup>, obra na qual configura o “vivre” pelo desfazer da autossuficiência do sujeito, tendo em vista o acontecimento de fatos e reordenações existenciais totalmente insuspeitáveis, dessa perspectiva derivando a figura do paisagista como a de um “perscrutador”.

Desse modo, uma zona de convergência e de divergência gera-se, do diálogo estabelecido entre Michel Collot e François Jullien, com base nos modos e formas perceptivos efetuados pelo Sujeito, a eficácia desses dois saberes distintos aproximados, garantindo o lugar da Paisagem no pensamento comparatista contemporâneo. Literatura e Filosofia, ao brindarem o sujeito, hoje, com a variabilidade do eterno retrazar da condição existencial, pela fertilidade da alternância entre o esperado e o inesperado, incidindo na composição de temporalidades, espacialidades e saberes transdisciplinares, reencantam pela paisagem do inusitado, efeito que encontra eco em fragmentos de *Cartografia Mínima* do poeta Marcos Siscar:

Este é o mapa. Onde quer que você se encontre onde quer que você se perca. Este é o mapa. O que você diz e pensa é o mapa. O mapa é maleável sujeito a invasões bloqueios ou decisões políticas a graves extravios. O mapa está contido em suas incontinências. Aqui e em toda a parte.

[...]

3. JULLIEN, François. *As Transformações Silenciosas*. Trad. de Maria Luiza Berwanger da Silva. Londrina: Edel, 2018.

A vida é esta datada e situada com palavras. Mas o sentido da cartografia precisa mais do que o anúncio a biografia a estética a política do mapa. Nada consegue impedir a profusão dos mapas as rasuras do mapa.

[...]

O céu é a dobra natural do meu jardim. Uma geografia de altos relevos de vaporização e desfiguração de descontextualizações ferozes. O ar me impõe deslocamentos de lugares e de datas a volatilidade dos mapas. Dali de cima a terra está solta pronta para sair de sua órbita e cair ao abismo cósmico. A vertigem é meu parapeito. (SISCAR, 2015, p. 97)

Percepção de natureza fenomenológica, emergente da perspectiva literária e percepção de natureza não fenomenológica, emergente da percepção filosófica, concedem ao Sujeito contemporâneo a esperança do reencantamento. A esta voz do reencantar já nomeada por Michel Maffesoli em *Le réenchantement du monde* e por Edgar Morin em *A via* vem agregar-se a de François Jullien que condensa no triângulo: Paisagem, Vivência e Inusitado certo caminho a percorrer que se vai traçando aquém e além de toda cartografia demarcada, grão de voz, em uma palavra, que Literatura e Filosofia recolhem dos Diálogos Transdisciplinares, ou “linda paisagem” apenas entrevista pelo “cristal de um copo d’água”, mas que antecipa a eficácia das Paisagens em Movimento.

O presente estudo constitui um desdobramento de meu livro, recentemente publicado, e se intitula identicamente ao presente estudo: *Paisagem, entre literatura e filosofia*. Caracteriza o livro a constante passagem da teoria à prática e dessa à primeira, prática que incide nas seguintes elucidações.

O livro intitulado *Paisagem, entre Literatura e Filosofia* reúne um conjunto de textos apresentados em congressos, colóquios e seminários nacionais e internacionais, configurando representações de paisagens emergentes do entrelaçamento da literatura com a filosofia e dessa com a primeira. Articulam esse entrelaçamento tanto a reflexão de Michel Collot, como mediação à perspectiva literária, quanto a de François Jullien à perspectiva filosófica. Distintas, mas complementares, essas duas reflexões possibilitam evidenciar ângulos novos da textualidade brasileira, considerando-a como fato literário artístico e cultural. Desse modo, se a imagem do “pensamento-paisagem” (“*pensée-paysage*”), proposta por Michel Collot, permite o jogo

entre “representação” e “presença”, incidindo na prática empreendida pelo sujeito que decifra espacialidades e temporalidades desconhecidas, essa experiência encontra no pensamento de François Jullien sintetizado pelo “viver de paisagem”, como “perceptivo que se revela, ao mesmo tempo, afetivo”, a matriz nuclear do presente livro.

Contudo, apraz-me confessar que, aquém e além dessa dupla articulação teórico-crítica, enquanto fio que busca conferir legitimidade ao conjunto de ensaios aqui reunidos, a tradução do livro original em francês, *Les transformations silencieuses*, por mim realizada<sup>4</sup>, do referido filósofo, reciclou-me o olhar no que se refere ao estudo da percepção de natureza fenomenológica; agrega a essa forma de captação do literário modos outros e insuspeitáveis de alta recorrência, de natureza não fenomenológica, como, a título de ilustração, nas obras de João Guimarães Rosa (Refiro-me, sobretudo, aos contos de *Primeiras Estórias*). Neles, certa cartografia é traçada e retraçada que, ao se constituir como amostragem exemplar do percurso roseano, insinua certo diálogo inconfesso e à meia-voz empreendido por literatura e filosofia aproximadas.

Uma vez dispostas em intersecção, conferem visibilidade à composição de certo território intervalar em constante passagem do campo literário ao filosófico e desse ao primeiro. Assim procedendo, literatura e filosofia concedem a todo leitor percepções paisagísticas inusitadas. Traduzir, pela leitura simbólica, a produção desse efeito significa valorizar um traçado outro, que, aquém e além de fronteiras geográficas, disciplinares e subjetivas, torna-nos receptivos a certo espetáculo singular: o conjunto de operações efetuadas pelo sujeito, enquanto presença que controla e que diz a evidência de distâncias percorridas no espaço e no tempo, desdobra-se em um conjunto de natureza outra, o qual surpreende por escapar ao controle do sujeito e às experiências por ele vivenciadas. É quando, então, voluntário e involuntário, na esteira do pensamento interdisciplinar de Marcel Proust, confirmam o que François Jullien intitula de “transformações silenciosas”, definidas com base no pensamento chinês, considerado pela esfera do inesperado e do incontrolável.

Sob o ângulo dessa imagem, a valorização de incidentes em vez de acidentes, de inevidências em vez de evidências, de fatos que

4. JULLIEN, François. *As transformações silenciosas*. Trad. de Maria Luiza Berwanger da Silva. Londrina: EDUEL, 2018.

ocorrem de modo inusitado e sem a interferência do sujeito, constituem alguns dos traços mediadores dessas “transformações silenciosas”, evocados ao longo da obra de François Jullien. Trata-se, no livro *Paisagem, entre Literatura e Filosofia*, de configurá-las como singulares cartografias da memória que surpreendem pelas constantes operações de ressimbolização, demarcando insuspeitáveis caminhos legados ao leitor pela leitura simbólica realizada. No pensamento de François Jullien, a configuração do sujeito como aquele que perscruta (“*scrutateur*”), o qual, uma vez tendo dado o “empurrão” (“*coup de poussé*”) inicial, faz-se disponível à percepção de transformações, constitui o fio mediador das transferências artísticas e culturais produzidas pelo diálogo da filosofia com a literatura e dessa com a primeira.

No que se refere à composição do presente livro, com base nos tópicos “Em busca das Transformações Silenciosas”, “Transformações Silenciosas e Experiência Interior” e “Transformações Silenciosas e Memórias Reencantadas”, estes expressam, cada um a seu modo, o aflorar de efeitos que reconfiguram o fluxo temporal e espacial das vivências efetuadas pelos diferentes autores e obras aqui apresentados.

Se, pois, estudos sobre Marcel Proust e Roland Barthes, estampados no primeiro tópico, demarcam a matriz inaugural de certa reflexão que privilegia a percepção pela via do não fenomenológico, sem, contudo, deixar de considerar o fenomenológico, evidenciando o traçado do mapa a perseguir, e, se, no segundo tópico, a valorização da “experiência interior” incide sobre o jogo efetuado com a alteridade, o reencantamento vivenciado e transmitido pelas imagens de errância, memória e amizade como “dádivas” do inusitado produzidas pela eficácia das relações literárias e filosóficas percebidas na textualidade examinada. De um lado, a tentativa de realocação de ecos de “transformações silenciosas” impressos na literatura brasileira, estudados no “prefácio” e, de outro lado, a sublimação de tais “ecos”, enquanto palavra compartilhada que permite o ingresso na literatura-mundo, sustentam o território intervalar cartografado pelos três tópicos citados.

Nota-se que essa transgressão espaço-temporal, ao entrelaçar literatura e filosofia, dá a perceber “paisagens da memória” como espaço de dom e de troca articulado pelas “transformações silenciosas”, no qual saberes díspares empreendem uma relação de suave convívio. Paisagens da memória, portanto, como estampa singular desse convívio.

Projetar o olhar, hoje, sobre a eficácia dessa cartografia corresponde a perceber a potencialidade de insuspeitáveis fatos novos, transformadores, eles próprios, da subjetividade do homem contemporâneo. Poesia do pensamento interdisciplinar, o “entre” brinda o leitor com o espetáculo de sua intimidade em incessante redescoberta.

## Referências

- CARVALHO, Ronald de. Apud ANDRADE, Mário de. *A escrava que não é Isaura*. São Paulo: Livraria Martins, s. d.
- COLLOT, Michel. *Pensée-Paysage*. Paris: Actes Sud/ENSP, 2011.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2006.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2007.
- JULLIEN, François. *As Transformações Silenciosas*. Trad. de Maria Luiza Berwanger da Silva. Londrina: Eduel, 2018
- JULLIEN, François. *La grande image n'a pas de forme, ou Du mon-objet par la peinture*. Paris: Seuil, 2003.
- JULLIEN, François. *Vivre de Paysage ou L'Impensé de la Raison*. Paris: Gallimard, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Trad. de Rosa Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SISCAR, Marcos. Cartografia mínima. In: *Manual de flutuação para amadores*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.